

## A EDUCAÇÃO FÍSICA, O ESPORTE E O (PAN-)AMERICANISMO EM REVISTA (1932-1950)

### THE PHYSICAL EDUCATION, THE SPORTS AND THE (PAN-)AMERICANISM IN REVIEW (1932-1950)

Omar Schneider\*  
Wagner dos Santos\*  
Amarílio Ferreira Neto\*  
Wallace Rocha Assunção\*\*

---

#### RESUMO

O estudo investiga a presença americana e do movimento pan-americanista na Educação Física brasileira para compreender de que forma contribuíram na produção de uma cultura esportiva na primeira metade do século XX. Utiliza, como fontes históricas, os periódicos da área publicados no período compreendido entre os anos 1932 e 1950. Usa, como referencial teórico, o repertório da Nova História Cultural nos termos das *estratégias, táticas e dispositivos*. Os indícios nos permitem inferir que a presença americana, tendo como catalisador o movimento pan-americanista, moldou, na Educação Física e na sociedade, uma cultura esportiva, sendo tanto um anseio de modernização por parte dos intelectuais brasileiros quanto uma tentativa de colonização cultural por parte do governo dos Estados Unidos da América.

**Palavras-chave:** Educação Física. Esporte. História.

---

#### INTRODUÇÃO

Este artigo aborda a circulação do americanismo e do movimento pan-americanista nas revistas brasileiras de Educação Física, entre os anos de 1932 e 1950, buscando compreender como esse movimento se fez presente na área e de que forma contribuiu para a apropriação dos modelos estadunidenses na constituição da Educação Física brasileira. A pesquisa que gerou este artigo faz parte do projeto *A Constituição de Teorias da Educação Física no Brasil: o debate em periódicos no século XX*, que deu origem ao Instituto de Pesquisa em Educação e Educação Física – Proteoria.

Em nosso estudo, o americanismo é entendido como um movimento político-cultural que nasce nos Estados Unidos da América e é posteriormente oferecido como síntese de modernidade para outros países (WARDE, 2000, 2001). Neste trabalho, assim como nos textos encontrados nas revistas, usamos os

termos *modernidade* e *moderno* com relação àquilo que é inovador.

O pan-americanismo é um movimento político cujas raízes se encontram no Congresso do Panamá, em um encontro idealizado por Simón Bolívar, ocorrido entre junho e julho de 1826. Bolívar desejava articular uma confederação hispano-americana, com o principal objetivo de se unirem diante de uma tentativa de recolonização dos territórios pela Espanha, bem como se mostrarem fortes, à altura dos Estados Unidos da América e do Brasil, império independente de Portugal havia poucos anos. Constituído inicialmente como um movimento político, o pan-americanismo revestiu-se também, no início do século XX, de caráter cultural e educacional.

Como *corpus* documental para esta pesquisa, tomamos como fontes históricas principais os dois primeiros periódicos da área lançados no ano de 1932: a revista *Educação Physica*, publicada pela Companhia Brasil

---

\* Doutor. Professor do Programa de Pós-Graduação do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória-Espírito Santo, Brasil.

\*\* Mestre. Bolsista de apoio técnico da Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (Fapes) no Instituto de Pesquisa em Educação e Educação Física (Proteoria), Vitória-Espírito Santo, Brasil.

Editora até o ano de 1945, e a *Revista de Educação Física*, editada pela Escola de Educação Física do Exército até 1942, quando teve sua publicação interrompida em função do envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial, retornando a partir de 1947 até a atualidade. Somamos a essas duas fontes o *Boletim de Educação Física*, publicado entre 1941 e 1958, pelo Ministério da Educação e Saúde; a *Revista Brasileira de Educação Física*, publicação da empresa *A Noite* entre 1944 e 1952, e ainda, os *Arquivos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos*, propagadas entre 1945 e 1966 pela Escola Nacional de Educação Física, da Universidade do Brasil, posteriormente denominada Universidade Federal do Rio de Janeiro. Apesar de esses periódicos terem sido publicados até 1958, 1952 e 1966, respectivamente, delimitamos a investigação até as publicações do ano de 1950, com o intuito de compreender essa circulação durante a primeira metade do século XX.

No estudo, usamos o repertório da *Nova História Cultural* como referencial teórico, principalmente as proposições de Certeau (1988) sobre *consumo produtivo*, para nos auxiliar a compreender as apropriações das representações da cultura americana que circularam no Brasil, na primeira metade do século XX. Segundo esse conceito, as pessoas e as sociedades se apropriam de objetos e práticas, construindo com eles algo que atenda às suas necessidades e, até mesmo, deles fazendo usos inesperados.

Esses usos evidenciam um meio de entendermos o processo de apropriação da cultura e das *lutas de representação* (CHARTIER, 1991). O autor nos direciona para a compreensão das disputas/lutas em torno da cultura, feitas por homens estrategicamente posicionados que se valem de *dispositivos* para tornar suas ideias autorizadas e capazes de solucionar os problemas de determinado momento histórico. Esses dispositivos são produtos materiais, como revistas e livros, com seus textos e imagens dados a ver e a ler, usados estrategicamente por aqueles que alcançaram um *status* de voz autorizada ou como *tática* por quem deseja se unir a esse grupo ou, ainda, tomar o seu lugar. Caracteriza-se como *luta de representações*, portanto o modo pelo qual, em diferentes lugares e momentos, uma determinada

realidade é construída, pensada e dada a ler por diferentes grupos sociais.

Chartier toma por empréstimo de Michel de Certeau o conceito de *apropriação*, que define o consumo cultural como uma operação de produção de objetos materiais ou simbólicos, que são materializados por meio do mundo dos impressos, convertidos em dispositivos que assinalam a sua presença na *luta de representações*. Esse autor nos ajuda a compreender como possivelmente os editores interpretaram as práticas e as prescrições americanas, delas se apropriando e traduzindo para os leitores dos impressos.

Como apoio a esse referencial teórico, utilizamos as contribuições de Ginzburg (1989, 2000, 2009) com o modelo indiciário de pesquisa histórica e o recurso da mediação, um processo narrativo que estabelece comparações entre as informações dos documentos e as fontes que lhe podem oferecer coerência dentro de um contexto cultural, validando informações sincrônicas ou diacrônicas, dando-lhes coesão. Assim, para autenticar os indícios que procuramos nos periódicos, apoiamos-nos nos trabalhos de Macedo (1876), Bandeira (1978), Moura (1984), Cervo e Bueno (1992) e Sevcenko (1992). Esses autores se aproximaram desse tema com seus textos nas áreas de História, Sociologia, Ciências Políticas e História da Educação.

Para nos auxiliar na procura de indícios da presença do americanismo na Educação Física, usamos, como instrumento de pesquisa, o *Catálogo de periódicos de educação física e esporte (1930-2000)* (FERREIRA NETO et al., 2002), uma obra que lista as referências bibliográficas dos artigos da imprensa periódica da Educação Física, produzida no Instituto de Pesquisa em Educação e Educação Física (Proteoria), com a finalidade de contribuir nas pesquisas de diversas áreas que têm como fonte os periódicos.

Pelas referências dos textos publicados, começamos a localizar os *rastros* da circulação de diferentes culturas que pudessem estar presentes no *corpus* documental. Esses *rastros* nos deram indícios que consistiram essencialmente em autores estrangeiros, referências a práticas culturais, esportes, movimento pan-americano e, mais

especificamente, referências diretas aos Estados Unidos da América para termos um panorama da circulação dessa cultura na constituição de uma Educação Física brasileira.

### O (pan)-americanismo em revista

Com o intuito de compreender a presença americana, elegemos como ponto de partida as práticas esportivas que, embora tenham chegado ao Brasil pelas mãos dos ingleses, ganharam mais adeptos, especialmente nas classes sociais abastadas, com o aumento da presença estadunidense em nosso país a partir do final do século XIX. Para Sevcenko (1992), o surto esportivo que aconteceu na cidade de São Paulo, na década de 1920, era catalisador de uma sociedade competitiva e a prática esportiva possuía um papel a desempenhar na formação desse *novo homem* do qual o País necessitava para se colocar *ao nível do século*, como se dizia nessa primeira metade do século XX.

Incorporados ao conjunto de atividades físicas que incluíam a ginástica e outras práticas corporais, os esportes viriam a se constituir como parte daquilo que passou a se chamar Educação Física, paulatinamente ocupando tempos e espaços onde anteriormente a ginástica predominava. Segundo Rezende (1932), os esportes passariam a cumprir o papel de excitar os ânimos e, com isso, fariam surgir o que ele chamou de *unidade espiritual do povo brasileiro*, criando um vínculo entre os esportistas, torcedores dos times e seleções nacionais desses esportes.

Para compreendermos a circulação de padrões culturais nas duas primeiras revistas sobre Educação Física, buscamos identificar a nacionalidade dos autores presentes tanto na *Revista de Educação Física* quanto na *Educação Physica*, pois, ao saber de onde eles emitiam seus conceitos, poderíamos captar a origem das suas matrizes culturais. Em nossa busca, na *Revista de Educação Física*, publicada pela Escola de Educação Física do Exército, pudemos identificar 48 artigos de autores estrangeiros, de dez nacionalidades diferentes, incluindo aqueles classificados como hispanos, ou seja, aqueles de língua espanhola cuja nacionalidade não pôde ser identificada por referência direta ou por indícios. Tivemos o cuidado de verificar a nacionalidade dos autores,

pois havia alguns cujos nomes eram de origem italiana e alemã, principalmente, mas, na verdade, eram brasileiros, filhos de imigrantes. De todos os artigos divulgados por estrangeiros na publicação do Exército, 15 foram de autores americanos.

Na revista *Educação Physica*, foram publicados 377 artigos de autores de 19 nacionalidades diferentes, incluindo aqueles classificados como hispanos. Desses, 237 artigos foram publicados por autores americanos. Buscamos apreender a presença americana nas revistas que tomamos como *corpus* documental, considerando como traços dessa circulação os artigos relacionados com os esportes e, dentre esses, aqueles que fossem americanos por origem ou que nesse país tenham conquistado um grande número de adeptos. Assim, procuramos identificar os artigos referentes às modalidades praticadas no Brasil nesse período ou sugeridas aos leitores. Dos 30 diferentes esportes apresentados pelas duas revistas, o que recebeu maior destaque foi o basquetebol, com 163 artigos na revista *Educação Physica* e 40 na *Revista de Educação Física*. Os outros dois esportes que mais se aproximaram desse número de artigos publicados foram o atletismo, com 128 artigos na revista *Educação Physica* e 58 na *Revista de Educação Física* e, ainda, o futebol, que já havia se popularizado a partir da primeira década do século XX, com 112 artigos na revista *Educação Physica* e 41 na *Revista de Educação Física*.

O número de artigos sobre o basquetebol nos parece mostrar a popularidade que, se já não existia de fato, se pretendia dar a esse esporte no período do estudo. Ele teve maior circulação na revista da Escola de Educação Física do Exército com 41 artigos, ficando atrás apenas do futebol. Criado em 1891, pelo professor de Educação Física James Naismith, na Associação Cristã de Moços de Massachussets, Estados Unidos, o basquetebol foi introduzido no Brasil por August Shaw, na Associação Atlética Mackenzie, em São Paulo, em 1896. Tornou-se então, uma das práticas esportivas promovidas pelos periódicos e que despertaram o interesse de intelectuais brasileiros ávidos por modernidades, as quais imaginavam que nos ajudariam a colocar o País *no nível do século*, no mesmo patamar das nações tidas como mais desenvolvidas.

Os conflitos na Europa, que envolveriam posteriormente os países do continente americano, criaram condições para que fossem publicados artigos que relacionassem os esportes com os exercícios militares, como em agosto de 1942, quando a *Revista de Educação Física* publica um artigo do primeiro-tenente Humberto Ellery, intitulado *O valor do soldado do Tio Sam*, lembrando a personificação da identidade americana na figura austera desse personagem. O autor inicia seu texto dizendo que seus *camaradas* questionam o valor do soldado americano. Esse autor prossegue defendendo-os, pois, segundo ele, muitos de seus colegas de farda acusam, entre outras coisas, os militares americanos de desperdiçarem seu tempo com os esportes. Ellery então afirmou que o esporte era benéfico aos soldados, e que até mesmo a Alemanha, a despeito das notícias sobre a guerra, continuou realizando competições. Completa citando uma máxima atribuída ao general MacArthur, quando era superintendente da Academia Militar West Point: “É no campo das lutas amigáveis que são lançadas as sementes que, em outros anos, e, em outros campos, produzirão os frutos da vitória” (ELLERY, 1942, p. 11). As ideias de Ellery sobre a relação entre esporte e guerra são apoiadas por Sevckenko (1992) que ainda nos fala sobre a transposição de um padrão de vestimenta militar do ambiente dos quartéis para a sociedade civil, tendo os esportes e o movimento escoteiro a função de catalisar essa apropriação.

Procuramos nos impressos referências diretas nos títulos que circularam nos cinco periódicos da área que foram tomados como *corpus* documental, nos termos como *Estados Unidos da América, Estados Unidos, EUA, EEUU, América, América do Norte, estadunidense, americano(a), yankee e Tio Sam*. Conseguimos localizar 33 referências na revista *Educação Physica*, 4 na *Revista de Educação Física* e 8 na *Revista Brasileira de Educação Física*. Não identificamos referências a esses termos nos títulos dos artigos publicados no *Boletim de Educação Física*, nem nos *Arquivos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos*. É interessante notar que essas referências indicam um possível interesse, principalmente na revista *Educação Physica*, de

fazer circular o americanismo como uma proposta *moderna* e, em muitos desses artigos, notícias de atletas e equipes estadunidenses foram trazidas como um incentivo para que os leitores se apropriassem de suas práticas e técnicas, fazendo circular o *american way of life* no meio esportivo.

Também em muitas das capas das revistas, pudemos perceber grafismos e imagens que remetem à estética americana dessa primeira metade do século XX e, por encontrar muitas referências em seu conteúdo, esperávamos identificar alusões diretas aos Estados Unidos nas capas da revista *Educação Physica* ou da *Revista Brasileira de Educação Física*, publicações nas quais o americanismo teve maior circulação. Localizamos essa referência na capa do n. 38 da *Revista de Educação Física* (A NOSSA..., 1938) publicada pela Escola de Educação Física do Exército, na qual se representam jogadores americanos com uniformes de treinamento em suas cores características, praticando junto à tabela de basquetebol. A representação desse flagrante foi publicada dois anos depois de seu registro, feito durante os XI Jogos Olímpicos de Verão, ocorridos em Berlim, um ano antes da deflagração da Segunda Guerra Mundial.

Após localizarmos no *Catálogo de periódicos* (FERREIRA NETO et al., 2002) os artigos que podemos associar ao americanismo e ao pan-americanismo, fomos até as revistas para analisar as representações sobre essa temática. O conceito de representação, segundo Chartier (1991), designa o processo de tornar presente o que está ausente e, no caso das revistas, os artigos que evocam temas relacionados com os Estados Unidos e com o movimento pan-americanista são considerados práticas de representação.

Ao folhearmos as publicações, encontramos anúncios comerciais nos quais as referências aos Estados Unidos foram utilizadas como uma vinculação do produto ao que havia de mais moderno na época. A presença de anúncios de produtos, fabricados por empresas americanas no Brasil ou importados, é explicada por Moura (1984) como parte da política de boa vizinhança mas que, por outro lado, visava a preparar terreno para um volume maior de intercâmbio comercial, assim que os transportes

marítimos se normalizassem após a Segunda Guerra.

Bandeira (1978) relata como, principalmente no período pós-Segunda Guerra Mundial, ocorreu uma americanização de nossos hábitos de consumo:

O Brasil, como um país capitalista em desenvolvimento, sentiu todo o impacto da influência americana. *A penetração econômica e militar atingiu a superestrutura da sociedade, modificou hábitos e costumes, padrões de comportamento, consciência e linguagem.* O cinema introduziu a mentalidade da guerra, a ideia do heroísmo individual, sempre encarnado pelo americano, soldado, detetive ou *cowboy*. Apareceram os *comics*, as histórias em quadrinhos, o *Super-Homem* e o *Capitão América*, símbolos do bem, do *way of life*, consagrado, com sua aparente pureza lúdica, fantástica, a ideologia da violência e da brutalidade, a mitologia do Imperialismo. Os soldadinhos de plásticos, assim como índios e *cowboys* substituíram os soldadinhos de chumbo, nos brinquedos infantis. As crianças, ao fim da guerra, viviam como nos filmes, nos *comics*, mascaravam chicletes e bebiam Coca-Cola. As filhas da burguesia e das classes médias conquistavam maior liberdade, fumavam e trocavam as saias pelos *shorts* e pelas calças. Homens e mulheres ouviam *jazz*, dançavam *swing* e *blues*. O rádio *impôs* a música americana. Hollywood, os ideais de beleza. Vários galãs, como Douglas Fairbanks Jr. e Orson Welles, passaram pelo Brasil. Os *astros* e as *estrelas* do cinema venderam a guerra e promoveram a imagem dos Estados Unidos. A mercadoria americana adquiriu prestígio (BANDEIRA, 1978, p. 309-310, grifos nossos).

Nas revistas analisadas, alguns anúncios faziam referência a importantes cidades americanas, como o da alfaiataria e camisaria *A Nova York*, publicado na *Educação Física* (n. 2, p. 81, 1932), mostrando gravuras que se reportavam ao modo americano de se vestir, que passa a circular e ser apropriado no Brasil.

Muitas representações dessa época foram materializadas nos anúncios trazendo, já no nome da empresa ou do produto, referências aos Estados Unidos, indicando que foi fabricado de forma semelhante aos produtos confeccionados nesse país. Na *Revista Brasileira de Educação Física*, encontramos anúncios com representações referentes à modernidade e à qualidade americana. Um desses refere-se à marca de cigarros *Lincoln*, um nome emblemático para o povo americano, que remete a Abraham Lincoln, décimo-sexto presidente de seu país. Esse cigarro é anunciado como *tipo americano, com ponta*, ou seja, não bastava dizer que vinha com filtro: era uma estratégia de *marketing* enfatizar que o produto era *tipo americano*, como uma referência à sua qualidade, reforçando a representação de *status* que daria aos seus consumidores.

Outra marca de cigarros usa um nome bastante peculiar e faz referência ao distrito da cidade americana de *Los Angeles*, centro de produção cinematográfica: *Hollywood*. Esse polo cinematográfico foi e continua responsável por fazer circular no mundo a cultura americana projetada nas telas dos cinemas, cujos anúncios também circularam na revista *Educação Física* e, entre eles, o anúncio do filme *Voando para o Rio*, de 1933, que só foi lançado no Brasil em 1934. Esse filme, assim como tantos outros, fez circular nos EUA e em outros países a cultura exótica, a caricatura e as fantasias que se avolumam no cinema estrangeiro sobre o Brasil e demais países da América Latina, como pode ser visto no documentário *Olhar estrangeiro* (OLHAR, 2006) no qual os produtores buscaram compreender a forma como o cinema internacional representava o Brasil.

Moura (1984) nos relata que o interesse da indústria cinematográfica americana em produzir filmes no e sobre o Brasil era uma estratégia de aproximação:

Foi nesse contexto e dentro dessa linha geral de ação que o Birô [*Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*, por meio da divisão de cinema] negociou com os estúdios de Disney a criação de tipos que ajudassem a realçar a solidariedade panamericana. Desse esforço, nasceu o nosso popular 'Zé Carioca', papagaio verde-amarelo,

num desenho que se tornou famoso pelo apuro técnico e pela escolha perfeita do personagem em relação à sociedade que, através dele, se pretendia expressar. O americano que vem ao Brasil e encontra o ‘Zé’ nada mais era do que o Pato Donald — o símbolo por excelência do ‘americano comum’. Donald é um pato e guarda, portanto, muita afinidade com o nosso papagaio — ambos aves domésticas e que podem se entender muito bem. Zé Carioca é falador, esperto e fã de Donald; sente um imenso prazer em conhecer o representante de Tio Sam e logo o convida para conhecer as belezas e os encantos do Brasil. Brasileiramente, faz-se íntimo de Donald — quando este lhe estende a mão, Zé Carioca lhe dá um grande abraço — que aceita o oferecimento e sai para conhecer o Brasil (MOURA, 1984, p. 39).

Esse autor ainda nos informa que o Escritório do Coordenador de Relações Inter-Americanas, denominado por ele como “Birô”, por meio de sua seção de filmes, produzia documentários sobre vários aspectos dos Estados Unidos e da América Latina, dando ênfase, obviamente, aos filmes que fizessem apologia aos avanços da terra do Tio Sam (MOURA, 1984).

Não podemos, entretanto, afirmar que tudo o que se referisse aos Estados Unidos ou às suas cidades fazia parte de uma estratégia de colonização cultural, pois, sem uma referência europeia positiva, representante da modernidade, os brasileiros desse período se espelhavam naqueles que se faziam visíveis, os americanos, e por isso ansiavam por se apropriar de seu modo de vida.

Para termos uma dimensão do volume da circulação do pan-americanismo a partir de sua materialização, voltamos ao *Catálogo de periódicos de educação física e esporte (1930 - 2000)* (FERREIRA NETO et al., 2002) para localizar referências diretas ao movimento pan-americanista nos títulos dos artigos publicados nas revistas sobre Educação Física, entre 1932 e 1950.

Na revista *Educação Physica*, contamos sete referências, na *Revista de Educação Física* encontramos somente uma menção, no *Boletim*

*de Educação Física* localizamos três alusões, na *Revista Brasileira de Educação Física* contamos 24 referências e, por fim, nos *Arquivos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos* uma única alusão. Os temas dos artigos variaram entre dois assuntos apenas: os congressos pan-americanos de Educação Física e os jogos esportivos pan-americanos.

Apesar de o pan-americanismo ter sido referência ao menos uma vez em cada um dos periódicos veiculados entre os anos de 1932 e 1950, percebemos que sua maior entrada se deu nas revistas publicadas por editoras comerciais e, principalmente, a partir do ano de 1941, quando, não é demais lembrar, os conflitos na Europa envolviam cada vez mais os países do Continente Americano, fazendo com que, no Brasil, as referências à Alemanha perdessem espaço para o americanismo e o fortalecimento do ideário da união dos povos americanos sob a liderança dos Estados Unidos.

No início da década de 1940, o ideário pan-americanista se apresentou de duas formas distintas que entraram em disputa, mas que, em determinado momento, superaram essa dicotomia. Se, por um lado, os Estados Unidos pretendiam pôr em prática um projeto político-cultural com base no modelo de expansão da Doutrina Monroe, os países latino-americanos, inspirados no bolivarismo, desejavam se unir para a resolução de problemas comuns. Esse ideário pan-americanista de inspiração bolivarista se refletiu de forma mais visível no campo da Educação Física, por exemplo, em 10 de maio de 1941, quando se realizou em Buenos Aires, Argentina, uma reunião preparatória para o Primeiro Congresso Pan-Americano de Educação Física. Sobre os assuntos tratados nessa reunião, chegaram à conclusão de que o Continente Americano possuía sérios problemas educacionais a resolver e que era indispensável criar uma conscientização quanto às condições sanitárias e higiênicas, desenvolvendo ainda a personalidade dos jovens com os altos ideais que julgavam possíveis de serem proporcionados pela Educação Física (ACTA, 1941).

O congresso foi marcado então para o período de 19 a 31 de julho de 1943, na cidade do Rio de Janeiro,

[...] com o objetivo de fomentar o estudo dos problemas relacionados com

a educação física e colaborar com os Governos das Nações Americanas na coordenação das atividades deste ramo de educação integral dos povos (RENAULT, 1943, p. 39).

Nesse congresso, discutiu-se, como um dos temas da seção de Política Educacional, a questão da criação de métodos diferentes de Educação Física para os países americanos ou de um único método pan-americano. Na mesma seção, tratou-se de um outro tema, a “[...] Influência da Educação Física na reconstrução social após a presente guerra” (RENAULT, 1943, p. 42).

Na última sessão geral, após quatro horas de trabalhos, foram elaboradas 21 resoluções, como um roteiro para que houvesse uma padronização da Educação Física nas Américas, com o cuidado de estender a atuação dos professores aos indígenas e deficientes físicos e mentais, bem como oferecer um tratamento diferenciado para o sexo feminino (PRIMEIRO, 1943). Nas conclusões desse congresso, consta que foi decidido torná-lo uma intuição de caráter permanente para que se mantivesse o intercâmbio e colaboração entre os governos e instituições educativas das Américas nesse ramo da educação integral (CONCLUSÕES, 1943). O discurso de encerramento foi feito por Gustavo Capanema, ministro da Educação.

Na revista *Educação Physica* (n. 82, ago. 1944), anuncia-se a realização do II Congresso Pan-Americano de Educação Física para o período de 2 a 16 de maio de 1945. Nesse texto, permeado pelo que se considerava um sentimento pan-americano e num tom até mesmo generalista, não levando em consideração as diferenças culturais e econômicas, afirma-se que

[...] Os problemas da Educação Física são sempre os mesmos, qualquer que seja o país em que eles se verifiquem, porque a Educação Física não difere na sua essência quando atravessamos as fronteiras políticas de um país para outro (O II CONGRESSO, 1944, n. 82, p. 5).

Podemos perceber na citação anterior que a indiferenciação em relação à Educação Física entre os países do Continente Americano era um paradoxo, pois, já no primeiro congresso, uma

resolução havia sido elaborada em relação aos países onde houvesse grande altitude: “O problema da educação física nas regiões de grande altitude deve continuar a ser estudado pelos países em que se apresente esta situação especial” (PRIMEIRO, 1943, p. 42). Além disso, a diversidade de culturas nativas, migradas, apropriadas e também as situações econômicas e sociais diferenciadas dos países não foram levadas em consideração.

Para compreendermos melhor o ideário pan-americano de inspiração bolivarista, mas já fazendo circular uma tendência americana de união dos povos americanos sob uma inspiração na Doutrina Monroe que circulava, consideramos pertinente procurar vestígios em artigos relacionados com o movimento pan-americano. Encontramos um em especial que nos chamou a atenção. Em artigo intitulado *Panamericanismo*, publicado no n. 65 da revista *Educação Physica*, Holanda Loyola (1942, n. 65, p. 11, grifo nosso) exalta os serviços que os desportos e a Educação Física

[...] poderão prestar à causa dos ideais panamericanistas, à amizade, à concórdia e à compreensão recíproca de todos os povos americanos, congregando-os em torno de um ideal supremo de felicidade humana, *inspirada na paz e no direito, na justiça e na Liberdade*.

Mais adiante, Loyola enaltece o potencial que as competições esportivas realizadas com espírito de cordialidade e “[...] senso olímpico da verdadeira competição atlética” (LOYOLA, 1942, n. 65, p. 11) têm para melhorar o entendimento entre as nações. O artigo, em nosso entendimento, faz apologia ao ideal pan-americano de inspiração bolivarista, porém já com alguns vestígios da presença do monroísmo, quando diz:

Esse ideal de aproximação americanista é comum a todos os professores das Américas sinceramente empolgados em trazer às gerações presentes e futuras um ambiente de paz e harmonia propício às grandes realizações do pensamento humano (LOYOLA, 1942, n. 65, p. 11).

Não podemos, entretanto, afirmar que Loyola tenha empregado o termo *americanista* usando a metonímia, tomando a parte, os Estados Unidos como o todo, o continente americano, pois o contexto remete ao pan-americanismo, o que tornaria, nesse texto, o termo *americanista* sinônimo de *pan-americanista* e, ainda, aponta para uma superação da dicotomia bolivarismo - monroísmo, uma espécie de síntese do que se considerava o mais adequado das duas doutrinas.

Lembramos que, anteriormente, tanto os Estados Unidos quanto o Brasil tomavam a Alemanha como modelo de eugenismo e higienismo para a produção do “homem novo”, enquanto o nacional-socialismo alemão não se constituiu uma ameaça, tendo isso se refletido na linha editorial de *Educação Physica*, conforme afirma Schneider (2010, p. 184):

Um dos pontos do programa dos editores, veiculado por meio da Revista [*Educação Physica*] durante todo o período em que ela é produzida, consistia em favorecer o surto dos esportes como fator de aperfeiçoamento da raça. Para os editores, a Alemanha, sob o regime nazista, constitui-se em um ótimo exemplo do que a implementação da Educação Física e dos Esportes poderia fazer em prol da juventude. Implementar no Brasil o mesmo programa de Educação Física poderia, na visão dos editores, tornar realidade o desenvolvimento da eugenia do povo e produzir a tão desejada configuração corporal helênica, modelo moderno de saúde e de beleza.

Ainda segundo Schneider (2007), essa superioridade creditada à Alemanha, tornando-a um modelo a ser seguido, foi fruto da organização que deram à instrução pública e

[...] mesmo os franceses derrotados na guerra [franco-prussiana] em 1870 creditam a superioridade do País triunfante à organização que tinham dado ao ensino, fator que lhes deu, também, condições de desenvolvimento econômico (SCHNEIDER, 2007, p. 123).

A partir do rompimento diplomático com a Alemanha, tanto por parte dos americanos quanto dos brasileiros, e principalmente com o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945, o que resultou em um mundo dividido entre o capitalismo e o comunismo, os Estados Unidos intensificaram a sua estratégia para o estabelecimento de uma união pan-americana, sobre a qual pretendiam exercer sua liderança em todos os âmbitos, conforme Cerro e Bueno (1992, p. 247):

No imediato pós-guerra, o Brasil e a América Latina em geral ficaram sob nítida hegemonia norte-americana, quer sob o ponto de vista político, quer sob o econômico e cultural.

A influência cultural americana sobre o Brasil não foi resultado de um processo espontâneo, mas decorreu de um plano deliberado dos Estados Unidos no âmbito de uma estratégia mais ampla, formulada no contexto do início da Segunda Guerra, quando, por razões de segurança, careciam da simpatia e principalmente da colaboração do Brasil em especial e da América Latina, em geral.

Nesse período, com o intuito de obter benefícios, o Brasil continua aliado aos Estados Unidos, como destaca Moura (1984, p. 77):

Na União Panamericana (depois OEA), nem se fale: éramos os intérpretes do pensamento americano junto aos demais países da América Latina. Nas concepções do estamento diplomático, a ‘relação especial’ entre Brasil e Estados Unidos deveria traduzir-se em benefícios especiais para nosso país no contexto latino-americano. Tio Sam estava bem servido, nesse caso. E bem servido ficou durante os anos 50, até que despontasse no horizonte a política externa independente.

Uma primeira edição dos jogos pan-americanos teria sido realizada em 1942 se a Segunda Guerra Mundial não tivesse sido deflagrada em 1939 e alcançado tamanha proporção, terminando apenas em 1945, o que fez com que os jogos acontecessem somente em 1951. Na *Revista de Educação Física* (n. 50, p.



23, dez. 1950), e na revista *Educação Física* (n. 75, jun. 1942), encontramos o programa dos jogos que deveriam acontecer entre os dias 21 de novembro e 6 de dezembro de 1942, indicando os esportes cujas competições tomariam lugar no evento, bem como detalhes sobre os espaços onde aconteceriam as disputas. Juntamente com os jogos esportivos, deveria ocorrer uma “Exposição e Concurso de Artes Americanas. Arquitetura, Pintura, Escultura, Desenho, Gravura, Literatura e Música [...]” (PRIMEIROS, 1941, p. 23); (JOGOS..., 1942, p. 55).

Um indício da tentativa de aproximação política e cultural entre o Brasil e os Estados Unidos pode ser visto na versão em português do cartaz referente aos Primeiros Jogos Esportivos Pan-Americanos, que seriam realizados em 1942, em Buenos Aires, Argentina, estampado na capa do n. 48 da *Revista de Educação Física*. Sobre o cartaz, encontramos na revista:

[...] sente-se que a representação da parte do globo terráqueo onde aparecem em relevo as Américas e o círculo de bandeiras que a envolve, traduz em expressão felicíssima, o desejo panamericanista de manter os povos americanos em perfeita compreensão, unidos e serenos, diante das dificuldades e incertezas que avassalam o globo (A NOSSA..., 1941, n. 48, p. 8).

Nessa capa, a despeito da distância geográfica entre o Brasil e os Estados Unidos, suas bandeiras são colocadas lado a lado, enquanto a bandeira da Argentina, país vizinho ao nosso e anfitrião dos jogos, é posicionada mais distante.

Outro fato observado é a representação do significado da hierarquia racial. Se, até a década de 1930, o modelo a ser alcançado a qualquer custo era o ariano, como os representados nas capas dos números 26 e 28 da *Revista de Educação Física*, vemos, no cartaz dos Jogos Pan-Americanos que ilustra a capa da *Revista de Educação Física* (n. 48, 1940), a representação não mais do branco, de olhos azuis, mas de um homem com a tez morena, avermelhada, algo que sintetizaria o resultado da mestiçagem entre o branco europeu, os nativos das Américas e o

negro africano, o que nos parece representar a aceitação do mestiço como identidade dos povos americanos, principalmente na chamada América Latina, pois, dentro dos Estados Unidos, ainda prevalecia o ideário WASP: *white, anglo-saxan and protestant* (branco, anglo-saxão e protestante).

Tal representação nos parece uma síntese à qual haviam chegado após tantos esforços para a chamada *feitura da raça*, pelo eugenismo e ainda pela educação dos sentidos, sobre a qual Schneider (2010, p. 189) nos fala:

A educação dos sentidos era o alvo das prescrições sobre a melhoria das condições biotípicas pela adoção de regras de higiene, nas quais estavam inclusos a exercitação diária, o amor pelo esporte, o aprendizado nas escolas das regras de saúde, o culto ao padrão grego de estética corporal, o amor à pátria e a moralização dos hábitos que poderiam levar à degenerescência.

A Educação Física e os esportes nos parecem terem sido dispositivos que poderiam ser usados como elemento catalisador do ideário pan-americanista na década de 1940, conforme Marinho (1947, p. 5)

A Educação Física tem constituído excelente veículo de Panamericanismo, proporcionando a realização de um programa que efetivamente muito vem contribuindo para a maior aproximação entre os povos do Novo Continente.

Também Loyola (1942, p. 11, grifo nosso) exalta os serviços que os desportos e a Educação Física

“[...] poderão prestar à causa dos ideais panamericanistas, à amizade, à concórdia e à compreensão recíproca de todos os povos americanos, congregando-os em torno de um ideal supremo de felicidade humana, *inspirada na paz e no direito, na justiça e na Liberdade*”.

Nessa época, os periódicos já são vistos como meios de circulação desse ideário, de acordo com Marinho (1947, p. 5):

A própria 'Revista Brasileira de Educação Física', pela farta colaboração recebida de diferentes países, vai, paulatinamente, adquirindo o caráter de uma publicação panamericana. E isto faz com que nos sintamos orgulhosos pela possibilidade de nos tornarmos úteis não apenas aos professores do Brasil, mas também aos dos demais países irmãos.

Vale lembrar que também a revista *Educação Physica* circulou por países da América Latina, como a Argentina, além de Portugal e África Oriental Portuguesa, atual Moçambique, países onde possuía representantes comerciais para a venda do impresso e captação de notícias sobre o desenvolvimento da Educação Física e dos esportes nessas regiões (EDUCAÇÃO PHYSICA, 1938, n. 19, p. 4), tendo contribuições de escritores em língua espanhola, além dos já mencionados artigos em inglês, francês e alemão, traduzidos para o português, o que reforça as evidências das lutas de representações no campo esportivo, revelando uma cultura do esporte em disputa entre as décadas de 1930 e 1940, que circula entre o Brasil e outros países por meio dos impressos.

### CONCLUSÕES

O movimento pan-americanista sintetiza nos impressos um padrão cultural heterogêneo que representava o desejo de entendimento e cooperação entre as nações, o que fez com que a circulação de ideias criasse a oportunidade para apropriações de práticas e de comportamentos, privilegiando aqueles originários de países que se mostraram detentores de um capital simbólico mais representativo, de forma que pudessem elevar todos os países *ao nível do século*, conforme a expressão contemporânea. Com isso, os Estados Unidos, tidos como síntese de modernidade e de avanços tecnológicos, educacionais e culturais, assumiram o posto de líder nas Américas.

Quando analisamos a presença americana no contexto do pan-americanismo, percebemos que esse movimento teve uma inspiração dupla, baseada tanto na Doutrina Monroe quanto no movimento Bolivarista, tendo os EUA assumido

a inspiração monroísta oriunda desse país, enquanto os outros países seguem pela via bolivarista, mais condizente com os interesses latino-americanos, embora, em determinado momento, o movimento pan-americanista tenha superado essa dicotomia. Assim, a presença americana se faz perceber tanto isoladamente quanto usando o movimento pan-americanista como estratégia para assumir a liderança política e cultural nas Américas.

As evidências sugerem que, embora não tenha sido produzida como um modelo plenamente estruturado, como pretendiam intelectuais da área na primeira metade do século XX, a Educação Física vem se constituindo no Brasil num processo de descontinuidades, com a apropriação de modelos, ou pelo menos partes deles, que se mostram mais adequados à contemporaneidade e, no rol desses modelos, temos a presença americana como um padrão cultural que contribuiu para essa constituição.

Assim, os indícios nos mostram que, com a publicação dos dois primeiros periódicos sobre Educação Física, no ano de 1932, *Revista de Educação Física* e *Educação Physica*, começaram a circular artigos na imprensa periódica que enalteciam o modo americano de *fazer* Educação Física, quase exclusivamente fundamentada na esportivização, tida como moderna e eficiente, que exclui de suas práticas a ginástica e seus ideais de correção. Esses textos foram escritos tanto por americanos e traduzidos para o português, quanto por brasileiros que tinham ligações com os Estados Unidos, seja por haverem lá frequentado algum curso, seja, ainda, por aqui, no Brasil, possuírem algum vínculo com a Associação Cristã de Moços, que para cá foi trazida por americanos e, portanto, pode ser considerada como uma entidade que fez circular sua cultura entre os membros brasileiros.

Em função de um número bem inferior da presença americana na revista da Escola de Educação Física do Exército, parece-nos que pode ter ocorrido uma orientação editorial do comando militar que controlasse a entrada de autores estrangeiros nas páginas da revista, já que se tratava de uma autarquia do Estado brasileiro que, naquele momento, estava em processo de construção de uma identidade

nacional e ainda se encontrava sob regime ditatorial em grande parte desse período estudado. Compreendemos que se procurava valorizar os artigos de autores nacionais, mesmo que esses se apropriassem de ideias e teorias estrangeiras, mas, mesmo assim, os indícios apontam que os editores fizeram concessões para a entrada desses autores americanos.

Não apenas nos artigos, mas também em anúncios comerciais dos mais diversos produtos, podemos encontrar, tanto implícita quanto explicitamente, a presença americana nesses periódicos, em indícios textuais ou gráficos que veiculam representações desse país como modelo de modernidade. Não é possível concluir, entretanto, que tudo o que foi publicado nas revistas que constituíram nosso *corpus* documental e se refere a esse país faça parte da estratégia americana de colonização cultural e política, embora haja autores, como Moura (1984), que se refiram à forma como esse país planejou essa colonização. Todavia, as subjetividades dos habitantes das grandes cidades, principalmente, possuíam, na imprensa periódica e no cinema, fontes de imagens e sons que, ao mostrar os brilhos e melodias de um país industrializado e moderno, criaram nos brasileiros o anseio de se espelhar nesse exemplo, de forma mimética, apropriando-se de seus comportamentos e costumes ou, para usar o mesmo termo que Warde, *espelhando-se* nesse *ethos* e, dessa forma, fizeram também, sem maiores esforços dos americanos, circular a cultura *yankee*.

O processo de escolarização da Educação Física nos é apresentado nas revistas como uma disputa de padrões pedagógicos. Inicialmente, no período anterior ao recorte temporal do estudo, adotou-se a Ginástica Sueca pela

necessidade criada de regeneração da raça e, posteriormente, o Método Francês, como estratégia para robustecer a mocidade, criando uma geração forte para o crescimento e proteção da nação. Paulatinamente, por todo o contexto histórico, entra em disputa o modelo americano que possuía como característica uma grande variação dos conteúdos levados para a escola, contando ainda com uma maior ocupação de tempos e espaços pelo esporte e, por esse fator, muitas vezes se confundido com o modelo esportivizante inglês.

Os artigos publicados nas revistas materializavam uma representação da modernidade americana, a qual era anseio de todo um grupo de intelectuais, não apenas na área da Educação Física, e isso foi mais explícito na revista *Educação Física* do que na *Revista de Educação Física*, publicada pela Escola de Educação Física do Exército. Tal representação de modernidade também nos parece bastante evidente na *Revista Brasileira de Educação Física*, que, assim como a publicação da Cia. Brasil Editora, teve um caráter comercial, e ainda podemos inferir, a partir dos indícios, que, de forma semelhante à ocorrida com a revista publicada pela EEFPE, o *Boletim de Educação Física* e os *Arquivos da Escola Nacional de Educação Física* fizeram circular o americanismo de forma mais comedida.

Ainda com relação ao pan-americanismo na Educação Física, tomando como base a forma como circularam nos impressos, os indícios nos levam a inferir que esse movimento sintetizou um padrão cultural que, de certa forma, moldou a cultura da Educação Física e a sua inclusão na escola como disciplina, tendo o esporte como catalisador desse processo.

---

#### THE PHYSICAL EDUCATION, THE SPORTS AND THE (PAN-)AMERICANISM IN REVIEW(1932-1950)

##### ABSTRACT

The study investigates the American presence and the Pan-Americanist movement in Brazilian Physical Education to understand how they contributed in the production of a sportive culture in the first half of the twentieth century. Uses journals published in the period between the years 1932 and 1950 as historical sources. Uses the theoretical repertoire of the New Cultural History in terms of strategies, tactics and devices. The evidences allows us to infer that the American presence, and Pan-Americanist movement as a catalyst, molded the Physical Education and a sportive culture in society, being both a desire for modernization by the Brazilian intellectuals and cultural colonization attempt by the government of the United States of America.

**Keywords:** Physical Education. Sports. History.

---

## REFERÊNCIAS

- ACTA de la reunión preparatoria del primer congreso panamericano de educación física. **Boletim de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano I, n. 2, p. 51-54, set. 1941.
- A NOSSA capa. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano VI, n. 38, p. 2, maio 1938.
- A NOSSA capa. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano X, n. 48, p. 8, set. 1941.
- BANDEIRA, M. **Presença dos Estados Unidos no Brasil: dois séculos de história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- CERTEAU, M. A operação histórica. In: LE GOFF, J.; NORA, P. (Org.). **História: novos objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. p. 17-48.
- CERVO, A. L.; BUENO, C. **História da política exterior do Brasil**. São Paulo: Ática, 1992.
- CHARTIER, R. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 115-127, jan./abr. 1991.
- CONCLUSÕES finais do I Congresso Panamericano de Educação Física. **Boletim de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano III, n. 7, p. 7-13, ago. 1943.
- EDUCAÇÃO PHYSICA, Rio de Janeiro, n. 19, p. 4, jun. 1938.
- EDUCAÇÃO PHYSICA n. 2, p. 81, 1932.
- EDUCAÇÃO PHYSICA n. 75, jun. 1942.
- EDUCAÇÃO PHYSICA n. 82, ago. 1944.
- ELLERY, H. O valor do soldado de Tio Sam. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano XI, n. 54, p. 9-11, ago. 1942.
- FERREIRA NETO, A.; SCHNEIDER, O.; AROEIRA, K. P.; BOSI, F.; SANTOS, W. **Catálogo de periódicos de educação física e esporte (1930 - 2000)**. Vitória: Proteoria, 2002. 1 CD-ROM.
- GINZBURG, C. **A micro-história e outros ensaios: memória e sociedade**. Lisboa: Difel, 1989.
- GINZBURG, C. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- GINZBURG, C. **Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- JOGOS Olímpicos Panamericanos. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 65, p. 35, jun. 1942.
- LOYOLA, H. Panamericanismo. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 65, p. 11, jun 1942.
- MACEDO, J. T. **Apontamentos para o estudo das questões relativas ao ensino normal primário e à educação popular**. Rio de Janeiro: Typ. De João M. A. A. d'Aguiar, 1876.
- MARINHO, I. P. Educação física e panamericanismo. **Revista Brasileira de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano III, n. 43, p. 5, out. 1947.
- MOURA, G. **Tio Sam chega ao Brasil: a penetração cultural americana**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- O II CONGRESSO Panamericano de Educação Física. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 82, p. 5, ago. 1944.
- OLHAR estrangeiro. Direção Lucia Murat. Rio de Janeiro: Produção Taiga, Limite e Okeanos. 2006. 1 DVD.
- PRIMEIRO congresso panamericano de educação física: o que foi a realização desse grande certame no Rio de Janeiro: a instalação do congresso – regimento das sessões, programa de atividades e constituição das comissões – o segundo congresso no México. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 75, p. 41-43, jul./ago. 1943.
- PRIMEIROS jogos esportivos panamericanos. **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano X, n. 50, p. 23-24, dez. 1941.
- RENAULT, A. Primeiro congresso panamericano de educação física. **Boletim de Educação Física**, Rio de Janeiro, ano III, n. 6, p. 39-44, abr. 1943.
- REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, n. 48, 1940.
- REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, Rio de Janeiro, n. 50, p. 23, dez. 1950.
- REZENDE, O. M. Os esportes como elemento de coesão nacional. **Educação Física**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 51, dez. 1932.
- SCHNEIDER, O. **A circulação de modelos pedagógicos e as reformas da instrução pública: atuação de Herculano Marcos Inglês de Sousa no final do Segundo Império**. 2007. 306f. Tese (Doutorado em Educação)-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.
- SCHNEIDER, O. **Educação física: a arqueologia de um impresso**. Vitória: Edufes, 2010.
- SEVCENKO, N. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- WARDE, M. J. Americanismo e educação: um ensaio no espelho. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 37-43, 2000.
- WARDE, M. J. Cultura e educação: o americanismo e a fabricação do homem. In: REUNIÃO DA EQUIPE DE PESQUISA “AMERICANISMO E EDUCAÇÃO”, 2001. São Paulo. **Relatório...** São Paulo: PUC, 25-26 jun. 2001.

Recebido em 04/09/2013

Revisado em 08/04/2014

Aceito em 15/04/2014

**Endereço para correspondência:** Wallace Rocha Assunção. Proteoria Caixa Postal 9905, AGF Universitária, Rua Arthur Czartoryski, 455, Loja 1, CEP: 29060-974, Vitória-ES, Brasil. E-mail: wallra@hotmail.com